

## Ato Falho

Virou para o lado. O corpo, suado, rebrilhava à luz azul da santinha que ficava acesa a noite toda, santa Edwiges. A padroeira das causas perdidas. O que dizer nessa hora? Como explicar a falha, o fracasso óbvio, a falta de tesão? Seu companheiro se remexeu, de costas, ele também suado. Calado, esperando. Tentou: “Não sei o que houve, meu amor...” (Se recriminou imediatamente pelo lugar-comum: não tinha nada mais original para dizer?) O companheiro mexeu um pouco o corpo, se afastou um pouco. Dava pra sentir sua pele, a pele das costas, das nádegas durinhas, das coxas, descolando-se da sua pele. Sensação de frio-frescor-pegajoso, de solidão. Tentou falar; não conseguiu. Ficou com raiva do seu amante, que nada dizia. Tentou de novo: “Vamos relaxar, meu bem, daqui a pouco eu me refaço, vai ficar tudo bem.” (Na cabeça, Roberto. Não Leandro, que estava de costas, na cama.) Tentei pensar em Roberto, fazer com que Leandro virasse Roberto. Mas o membro não respondia, se recusava. Estava tudo errado. Leandro se levantou da cama, com suavidade. “Vou tomar um banho, você vem comigo?”, “Não, vou preparar uma caipirinha, quer?”, “Prefiro um martini, com duas cerejas, por favor...”. Por favor. Por favor, porra, porra! Leandro não dava nem bom dia! Percebia no meio da iluminação baça o corpo do garoto, tão forte, tão malhado!... Tão adorado até duas semanas atrás, tão desejado, que até doía... Agora, era como se fosse uma estátua de mármore – uma estátua grega de ébano. Nas últimas transas suave, se mexia, arfava, se esforçava todo, se esgotava – quando, antes, bastava encostar aquelas nádegas duras no piru que a resposta era imediata, e ele ficava inteiramente dominado, possuído...

Um dia, conheceu Roberto. Foi na praia do Leme, veja só... Estava deitado na esteirinha de palha-da-costa. Roberto se chegou, ficou de joelhos olhando para o mar, por perto. Magro, delicado, apenas um cara tateando, sondando, jeito de efebo, sem saber ainda qual o seu espaço. Puxou conversa, vinha do interior de São Paulo, Pinhal ou Campinas, não sabia bem. Tinha chegado há uma semana. Nada tinha que pudesse chamar de atraente, estava tão apaixonado por Leandro... Nem era um garoto novo, já era trintão. Nada de especial, afora os olhos. Ah, os olhos... sonhadores, gulosos, pesquisadores, cheios de vida, deslocados do resto, com vida própria. Não dava pra não encarar, o famoso olho-no-olho que tanto buscara encontrar desde que se enxergava como gente. A conquista foi imediata, na hora, no momento mesmo em que sonhava com Leandro, e pensava no fim daquele dia (parecia que fora há séculos!...), pensava na noite, em não beber muito, em não cheirar para se garantir, para ficar teso, inteiro, para convencer o broto e ganhá-lo de uma vez por todas – que até então apenas fazia seu papel, atuava, representava o papel de amante amoroso.

Agora, depois do fracasso, se revelava um garoto tímido, um cara amoroso, quase triste, ansioso – tudo o que sempre quis em seus casos – e que, agora, já não importava mais. Já não tinha o mesmo desejo. Já não sentia mais o frisson de suas carnes musculosas de encontro ao seu corpo. Nas últimas semanas, nas transas, gemidos fingidos, um simulacro apenas para não magoar o menino. Mas ainda conseguia orgasmos, conseguia, no último momento, o gozo – um gozo lamentável, que deixava saudades dos transportes e êxtases a que havia se acostumado. Até que hoje... fiasco total. Porém, sentia que não saberia como se desfazer de uma pessoa que amara tão intensamente ainda outro dia. Deixou a cozinha e voltou para o quarto com os drinques, colocou a bandeja na mesinha de cabeceira. Deitou na cama, virou-se pro banheiro. Perguntou: “Bem, vem pra cá, vamos tentar de novo, Roberto, meu anjo...” Na horinha percebeu o ato falho – a troca de nomes. Não teve

resposta. A porta do banheiro, percebeu com alívio, estava fechada. Dava pra ouvir a água correndo. Torceu para que Leandro não tivesse entendido nada. Voltou a perguntar, bem alto: “Leandro, vem pra cá, vamos tentar de novo, meu bem...” Puxou o lençol até o peito, e chamou de novo, “Leandro, Leandro?” apavorado, com medo de errar de novo o nome. A porta do banheiro abriu. “Estou quase acabando aqui, meu amor.” (“Meu amor”. Como havia esperado por estas palavras! Contava com sua sedução, sua prática, para ganhar o amor do garoto. Orgulhoso como ele só, Leandro jamais havia externado seus sentimentos pra ninguém. Se havia alguma coisa verdadeira, alguma coisa real naquele garotão, era a ausência de palavras carinhosas, mesmo durante a transa. Chamar de amor – jamais, jamais! Os bofes que viviam paquerando Leandro sabiam disso. Os poucos que conseguiram alguma coisa rápida, um fim-de-semana ou pouco mais, nunca ouviram palavras afetuosas. Era um atleta sexual, deixava a gente maluca de desejo, mas nada de palavras de carinho. “... meu amor.” Ouviu de novo como um eco. Ficou desarmado, sem saber o que dizer, o que fazer. Depois de algum tempo, Leandro voltou para o quarto. Contra a luz do banheiro, seu corpo soberbo ficava marcado, recortado como um display – forte, negro, vigoroso. Com uma pátina azulada da luz da santinha.

*Leandro pegou seu cálice, me passou o copo com a caipirinha, tomou o martini de um trago, e chupou e mastigou as duas cerejas. Franziu os lábios para cuspir os caroços no cálice. Colocou o cálice de novo na bandeja, levantou o lençol e se deitou a meu lado, me abraçou, me beijou, sem palavras. Fiquei hirto. Pensei desesperadamente em Roberto – o corpo magro e intocado do meu Roberto, o desejo invertido, às avessas, o corpo endurecido, se rebelando contra aqueles músculos fabricados pelos aparelhos da academia. Leandro se esfregando em mim, não suportando mais minha falta de tesão, seu amor-próprio ferido. “Meu amor... meu amor... meu amorzinho...” E nada, apenas um bolo crescendo na boca do estômago, meu corpo que não respondia mais, braços e pernas soltos, como num manequim, moles, a falta de ar crescendo, e a vontade de acabar – sem saber como – com o suplício, com o crescente horror, com o asco inexplicável daquele corpo musculoso, e a visão de dois olhos gulosos e diretos que dominavam totalmente minha mente torturada. E Leandro de costas e de frente, numa dança frenética, macabra, e de costas novamente, como uma cobra, uma gata no cio.*

E o braço esquerdo projetado em arco, em desespero, e a mão esquerda abanada para o lado, até bater na mesinha da santa com sua base de mármore. E a mão, convulsiva, se agarrando à santinha, e retornando, viva, com vontade própria, ausente do corpo, pelo mesmo arco amplo que a afastara do garoto. Até a frente do garoto, com força, uma, duas, três vezes, com muita rapidez, com muita força, com força, mais força, mais força ainda...